

Conforme foi descrito e analisado neste capítulo, confluências narrativas, rituais e simbólicas incrementam os sentidos que o Caboclo Bernardo possui na vila de Regência e na região ao entorno. É verdade que com este processo a importância do herói toma maiores proporções conforme outros grupos sociais se adscvem às devoções e às homenagens a ele prestadas. Já que foi constatado que Bernardo é o paradigma central da construção da identidade étnico-religiosa dos caboclos de Regência, cabe agora investigar quem são os principais atores a ele vinculados, já que, por se tratar de um fenômeno religioso, sua organização envolve especialistas (Bourdieu, 2002:13).

2.3 PRANCHA 3 – CIRCUITO VISUAL DE LEITURA DA ICONOGRAFIA DE CABOCLO BERNARDO

Imagem 1 (Reis, 2003:03)

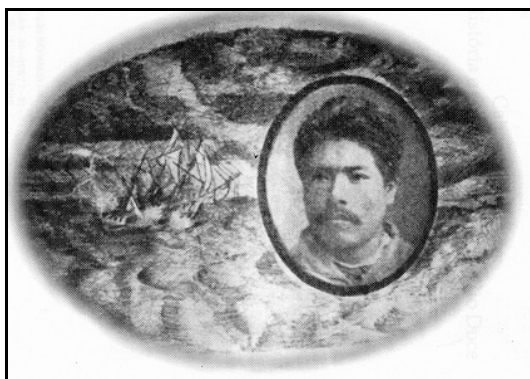


Imagem 2 (Foto: Hauley Valim)



Imagem 3 (Reis, 2003:73)



Imagem 4 – Um caboclo na ilustração de Edouard de Riou (Biard, 1862).



Imagem 6 (Foto: Hauley Valim, 2005)



Imagem 7 (Foto: Hauley Valim, 2005)



Imagem 8 (Foto: Hauley Valim, 2006)



Imagem 9 (Foto: Hauley Valim, 2006)



CAPÍTULO III

A RAINHA E O GUARDIÃO: ASPECTOS DO COMPLEXO NARRATIVO

E RITUAL NA FESTA DE CABOCLO BERNARDO

Mas a "cultura" não pode ser abandonada, sob pena de deixarmos de compreender o fenômeno único que ela nomeia e distingue: a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos. As pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente como valores e significados - significados que não podem ser determinados a partir de propriedades biológicas ou físicas.

Marshall Sahlins

Pretendo neste capítulo descrever e analisar o papel desempenhado por dois importantes atores a partir da posição que ocupam dentro do universo narrativo e ritual relacionado ao herói Caboclo Bernardo e suas implicações na conjuntura político-religiosa da Vila de Regência. Interessa compreender a forma em que a imagem de ambos os atores é veiculada no cenário público vinculada ao herói Caboclo Bernardo, reproduzindo importantes valores da identidade étnico-religiosa, processo desenvolvido no âmbito da valorização da *cultura popular*, conforme será percebido.

Para ser mais específico sobre o universo narrativo e ritual e a conjuntura político-religiosa em Regência Augusta a pergunta que se coloca recai sobre quem são os principais atores e qual é o status que possuem ao operarem os símbolos que são acessados pela contínua

construção da identidade local? De que forma tais símbolos se tornam visíveis dentro do processo de valorização da *cultura popular*? Teriam assim estes atores acesso a determinados privilégios por estarem intimamente ligados aos símbolos que veiculam a síntese da identidade cabocla na figura de Bernardo? E como tais questões levantadas dão continuidade ao processo que reveste o herói de atribuições religiosas?

Para responder estas perguntas evoco dois personagens bem conhecidos pelas bandas de congo da região: Dona Mariquinha e seu Miúdo. Ele se auto-intitula o *Guardião* da memória⁷⁷ de Caboclo Bernardo, dedica-se às narrativas que remontam o naufrágio do Imperial Marinheiro, à guarda do busto e ao zelo do cemitério que abriga o corpo do herói. Ela, por sua vez, como Rainha das Bandas de Congo, é a organizadora da Festa de Caboclo Bernardo, e quem construiu a *capelinha* em homenagem ao herói. Ele se ocupa do mito e ela do rito, dramatizados na Festa de Caboclo Bernardo. A conjuntura indica que os atores atuam em perspectivas distintas, porém importa saber como se complementam no contexto de *valorização da cultura popular*. Necessita-se saber se a forma de ascensão destes dois personagens a posições de liderança na vila deve-se ao processo de reorganização sociocultural que aconteceu durante o contexto dramático da implementação de políticas energéticas e ambientais na região, entre as décadas de 80 e 90, abordadas no primeiro capítulo desta dissertação.

Este capítulo preferiu privilegiar a análise das funções rituais de Mariquinha e Miúdo, pois destacavam-se como as lideranças proeminentes e os principais baluartes da perspectiva religiosa, ponto focal da construção da identidade étnica da Vila de Regência, que faz frente à liderança orientada pelo modelo ambiental do Projeto Tamar.

3.1. A CULTURA E A CULTURA POPULAR

Conforme a pesquisa de campo foi reunindo dados, rapidamente foi possível notar que era a Festa de Caboclo Bernardo o evento mais esperado do ano pela população da vila de pescadores, não só por sua importância econômica e por viabilizar um palco de sociabilidades

⁷⁷ Em alguns momentos a palavra “*memória*” é substituída, por Miúdo e por pessoas que a ele se referem, pela palavra “*alma*”.

atualizada anualmente, mas, principalmente, por ser um momento onde dramatizavam o *modus vivendi* caboclo da região.

Hoje a festa em homenagem ao herói pode ser considerada como o lócus privilegiado para observar a construção da identidade étnica local, pois ali, durante os rituais, o mundo imaginado se funde ao vivido nas dramatizações, renovando as concepções de mundo que orientarão as práticas sociais (Geertz, 2004:67), processo umbilicalmente atrelado à construção da identidade.

Ao mesmo tempo em que a descrição apresenta os atores, as formas de sociabilidade, o espaço e o tempo, é importante notar que a dinâmica festiva é também apresentada. Ao tomar a festa como um importante aspecto da identidade brasileira, Rita de Cássia Amaral caracteriza o fenômeno, mesmo aquele com feições religiosas, como dramático (Amaral, 1998), porém marcado por comportamentos que para algumas mentalidades na vila destoam de como deve ser uma festa religiosa, em consonância com conceituação de *festa civil*, segundo a liderança leiga da comunidade. Para Rita de Cássia, no Brasil,

As festas parecem oscilar mesmo entre dois pólos: a cerimônia (como forma exterior e regular de um culto) e a festividade (como demonstração de alegria e regozijo). Elas podem se distinguir dos ritos cotidianos por sua amplitude e do mero divertimento pela densidade. Na verdade os dois elementos têm afinidades. Durkheim já observava o aspecto recreativo da religião e a cerimônia religiosa é, em parte, um espetáculo (representação dramática, no caso, de um mito ou aspecto dele ou de um evento histórico). Este caráter misto poderia ser tomado com um primeiro termo da definição de festa, pois ela parece ser fundamentalmente ambigüidade: refere-se a um objeto sagrado ou sacralizado e tem necessidade de comportamentos profanos. Toda festa ultrapassa o tempo cotidiano, ainda que seja para desenrolar-se numa pura sucessão de instantes, de que o "happening" constitui o caso limite. Toda festa acontece de modo extra-cotidiano, mas precisa selecionar elementos característicos da vida cotidiana. Toda festa é ritualizada nos imperativos que permitem identificá-la, mas ultrapassa o rito por meio de invenções nos elementos livres (De Cássia Amaral, 1998:39).



Segundo a concepção de “Festas à Brasileira”, de Rita de Cássia Amaral, esta imagem caracteriza as homenagens cerimoniais ao herói na *capelinha* que leva seu nome, construída na vila no ano de 2003. Ao fundo, a imagem do busto de Caboclo Bernardo em óleo sobre tela, com o navio Imperial Marinheiro naufrago em segundo plano. *Homenagear* é a categoria geralmente usada pelos membros das bandas de congo para se referir às demonstrações públicas de respeito e devoção que se tem por determinado ícone religioso, especialmente os santos padroeiros das bandas e de suas comunidades. Neste tipo de manifestação atribuições religiosas vão sendo tecidas às caracterizações cívicas do herói, conforme a identidade étnico-religiosa da vila vai se constituindo. A importância simbólica do herói cresce conforme a festa vai tomando importância dentro do contexto geral das festas religiosas no Estado do Espírito Santo (Foto: Hauley Valim, 2006).

A cultura na foz do Rio Doce foi tomada desde o início desta investigação como um tapete inacabado posto ao tear, onde estão tramadas na história: pessoas, eventos, processos, narrativas, símbolos religiosos, economias, parentesco, ambiente, tempo, espaço, etc., que se recriam continuamente. Não será difícil perceber que nesta dinâmica, aspectos considerados “modernos” são adstritos na trama da *cultura popular* como inovações ao serviço da construção da tradição, processo que acontece conforme a identidade étnico-religiosa vai se constituindo. E o fio de Ariadne nesta incursão à trama cultural será religioso, um dos principais fundamentos sobre o qual a identidade do grupo investigado é construída.

Segundo o antropólogo Clifford Geertz, na coletânea *O saber local*, observar do “ponto de vista dos nativos”⁷⁸ é a condição fundamental para se conhecer o caráter e a cultura de um povo, de uma perspectiva etnográfica. E a identidade, neste sentido, deve ser analisada por dentro (Geertz, 2004), isto é, partindo daquilo que os símbolos e as narrativas dos “nativos” informam (Azzan Junior, 1993:15). Em decorrência disso, antes de qualquer coisa o pesquisador deve se familiarizar com as categorias nativas, isto é, conhecer o sentido local das palavras usadas para se referir aos momentos significativos da cultura, como, por exemplo, as categorias empregadas em relação à festa religiosa que informam a importância esta para a construção da identidade.

Ao perguntar aos participantes da Festa de Caboclo Bernardo sobre a importância da festividade e sobre sua continuidade no tempo, a festa era com frequência relacionada e de forma enfática à *cultura popular*, e como tal, segundo eles, deveria ser preservada. Entretanto, o simples fato de ser uma *cultura popular* não elucida a importância da festa em termos antropológicos. Na categoria nativa *cultura popular* reside a síntese de um processo que ocorreu ao longo das últimas duas décadas, onde as práticas religiosas e culturais das populações negras e caboclas encontraram espaços de afirmação dentro do contexto cultural geral no Estado do Espírito Santo. Este processo é um esforço das populações locais, organizadas em associações, aliadas a intelectuais socialmente engajados em diálogo com o poder público.

A dinâmica de interação entre a tríade, *cultura popular*, intelectuais socialmente engajados e poder público foi aquela que norteou os esforços nacionalistas de dar forma à identidade nacional. O que implicava em construir, a partir de um momento de intensa significação sócio-cultural, um sentimento em comum, “no qual se incluem em grande parte o sacrifício, o luto e o sofrimento compartilhado no passado, e cuja memória se transmite pelo culto aos ancestrais, pela lembrança dos grandes homens e suas ações heróicas” (Poutignat & Streiff-Fenart, 1998:35). Da mesma forma, em âmbito local, acontece a construção da identidade

⁷⁸ Metodologicamente, as etnografias teriam sido escritas por Geertz através da observação “por sobre os ombros” (Azzan Junior, 1993: 15) dos “nativos”. Já para o antropólogo e historiador da antropologia James Clifford a perspectiva de Geertz teria sido construída a partir da conversa do autor com os balineses, isto é, “cara a cara” com os “nativos” (Clifford, 2002:43). Acredito que o olhar etnográfico não pode ser reduzido a uma ou outra perspectiva, mas devem ser tomados como olhares complementares.

étnico-religiosa na Vila de Regência, que constrói um sentimento comum tendo como paradigma o modelo de caboclo fornecido pelas narrativas sobre o herói Caboclo Bernardo.

O sentimento cívico fez de pessoas como Joaquim José da Silva Xavier, Chico Mendes, Zumbi dos Palmares, Tancredo Neves, Rui Barbosa, Araribóia, Bernardo José dos Santos, etc. heróis nacionais, assim como inspirou a criação de personagens como Macunaíma e Jeca Tatu, verdadeiras metáforas sobre a identidade nacional em plena formação.

3.1.3 CULTURA E MODERNIZAÇÃO

Estar diante da cultura em vias de extinção não foi uma impressão restrita aos intelectuais durante o processo de industrialização na Europa moderna⁷⁹. Até bem tardiamente, diante dos povos colonizados, o fato de antropólogos europeus não acreditarem na persistência cultural das colônias impediu que eles notassem a dinâmica destes grupos em relação às mudanças ocasionadas pela modernização política e econômica implementadas pelos países colonizadores.

Os antolhos postos na imaginação antropológica pela história européia foram uma das principais razões pelas quais essa nova estrutura cultural da modernidade permaneceu por tanto tempo conceitualmente indeterminada. O pressuposto geral das ciências sociais ocidentais era o de que a urbanização necessariamente dá fim à ‘idiotia da vida rural’, como teria ocorrido no início da Europa moderna. Pela própria natureza da cidade enquanto organismo social complexo, as relações entre as pessoas deveriam se tornar impessoais, utilitárias, secularizadas, individualizadas, e invariavelmente desencantadas e destribalizadas. Assim era o progresso; essa era a tendência do

⁷⁹ Peter Burke chamou de “descoberta da cultura popular” o movimento de valorização das práticas camponesas por parte de certa elite intelectual na Europa do final do século XVIII e início do século XIX, quando o termo foi cunhado. Segundo ele “quando a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer, que o “povo” (o *folk*) se converteu num tema de interesse para os intelectuais europeus. Os artesãos e camponeses decerto ficaram surpresos ao ver suas casas invadidas por homens e mulheres com roupas e pronúncias de classe média, que insistiam para que cantassem canções tradicionais ou contassem velhas histórias” (1989:31). É importante ressaltar que a motivação para coletar dados etnográficos sobre populações camponesas e sobre povos chamados “exóticos” tinha como pano de fundo as reflexões evolucionistas. Acreditavam que na vanguarda da linearidade evolutiva da história estavam os europeus. E uma das principais marcas deste progresso histórico era o processo de industrialização. Todos os povos que não possuísem a potencialidade de evoluir estariam condenados a desaparecer. Esta era a perspectiva da qual olhavam os europeus para fora da Europa. Para dentro, percebiam no processo de industrialização as cidades recebendo leva e mais leva de populações camponesas que se urbanizavam, criando o risco de, ao longo do tempo, a cultura destes grupos viesse a se extinguir. No encontro entre membros da intelectualidade e a classe camponesa é que surgiu este movimento de valorização da *cultura popular*, segundo Burke.

famoso ‘*continuum* folk-urbano’ de Redfield. O campo e a cidade, estágios respectivamente inicial e final de uma mudança qualitativa, representavam modos de vida estruturalmente distintos e opostos (Sahlins, 1997:112).

A crítica de Marshall Sahlins vai de encontro com a concepção de que as sociedades consideradas tradicionais eram estáticas e avessas às mudanças. Em consequência, ao se apropriarem de recursos disponibilizados pelo contato entre as civilizações as sociedades coloniais perderiam as características que as identificavam e, assim sendo, teriam sua cultura “extinta”. Tal concepção impediu que os antropólogos percebessem como as sociedades se adaptavam às mudanças sem que perdessem suas características e estruturas identitárias essenciais. Ao analisar as sociedades ultramarinas no Oceano Índico, Sahlins notou que no processo de modernização, incluindo a migração de boa parte de uma geração para Europa, os laços dos imigrantes com a terra de origem não foram esquecidos, mas pelo contrário, tais relações foram recriadas, através da dinâmica da modernidade, o que supostamente as dissolveriam. Fluxos de informações e de capitais continuaram mantendo os grupos sociais unidos.

As sociedades translocais estão se associando com o poderoso movimento de autoconsciência que varre hoje o planeta. Todos os paradoxos da história mundial contemporânea, todas as oposições que acreditávamos serem excludentes, como aquelas entre tradição e modernidade, ou entre mobilidade e continuidade, estão se fundindo em novas sínteses culturais (Sahlins, 1997:122).

Uma sociedade translocal é aquela que se mantém unida pelas relações sociais, de parentesco, de classe, de afetividade, etc. mesmo estando os membros do grupo ou da unidade familiar espalhados pelo globo. Isso quer dizer que ao mesmo tempo em que se expandiram os horizontes dos grupos ao serem incluídos, de certa forma, à sociedade global, expandiu-se também a mobilidade social, sem que perdessem suas principais características identitárias. Neste sentido, a preocupação antropológica já não deve ser se estas populações foram influenciadas ou não pela modernidade, se sua cultura está ou não em vias de extinção, mas deve ser objeto de investigação as formas pelas quais os processos modernizadores foram apreendidos e adaptados por estes grupos.

É possível perceber, neste sentido, que não é contraditória a relação entre a modernidade e a *cultura popular*, mas, pelo contrário, os artifícios modernos podem muito bem se tornar ferramentas eficientes a serviço da interregionalização da tradição. Em decorrência desta concepção, a investigação constatou que a oposição entre o “tradicional” e o “moderno” na cultura da foz do Rio Doce não é empiricamente aplicável. E, apesar do fato de ser considerada tradicional pelos praticantes e apreciadores, a *cultura popular* não é estática ou avessa às transformações, mas pelo contrário, dá feições locais às mudanças ocasionadas incorporando-as à tradição, que recriada é projetada no cenário estadual.

3.1.4 A INVERSÃO DO ESTIGMA



Acima, ilustração de Édouard Riou para o livro “Deux années au Brésil” (1962) de François de Biard. Em viagem pela Província do Espírito Santo, na região da foz do Rio Doce, Biard descreve: ‘De repente ouvi ao longe rumor um tanto confuso, como se alguém batesse num tambor cuja pele estivesse molhada. Que história se ria essa? Pela manhã vim a saber que se tratava da festa de São Benedito, divindade de grande devoção dos índios. Eles faziam preparativos para essa festa uns seis meses antes e guardavam dela uma recordação pelos outros seis meses do ano. Desde o momento em que esse tambor começa a ser tocado, não pára mais, nem de noite nem de dia. Não deixei de ir me divertir um pouco nessa festa que se realizava numa povoação chamada, se não me engano,

destacamento. O Sr. X. fez-me companhia. Em todos os tetos em que entrávamos bebia-se “câouêba” e cachaça, e a pretexto de se cantar, berrava-se. Mantinham-se os homens sentados tendo entre as pernas um tambor primitivo fabrica do com pequeno tronco de árvore oco coberto por um pedaço de couro de boi; outros homens esfregavam uns pauzinhos num instrumento feito de bambu todo entalhado. Ao som desse charivari, mulheres, mesmo velhas, dançavam devotamente um desgracioso canção que mereceria certamente a reprovação de nossos virtuosos agentes de polícia” (Biard, 1962:257).

No mesmo contexto histórico do naufrágio do navio Imperial Marinheiro, por volta do ano de 1858, o naturalista Auguste François de Biard, nas proximidades de Regência escreve em seu diário de campo, publicado posteriormente sob com o título *Dois Anos no Brasil*, as congadas como uma “festa grotesca”, um “desgracioso canção que merecia certamente a reprovação de nossos virtuosos agentes de polícia” (2004:86). Não é diferente a concepção do naturalista francês daqueles que hoje associam as congadas à macumba e à cachaça, pelo menos não em sua função estigmatizadora, que depreciam, além dos instrumentos, cantos e danças, as populações negras e caboclas que fazem destes elementos aspectos constituintes de suas identidades.

Pode-se assim dizer, que na invenção⁸⁰ da Festa de Caboclo Bernardo, assim como nas outras festas de bandas de congo, as sociedades “tradicionais” idealizaram uma forma de reverter o estigma que pesava sobre eles. O valor antropológico contido na categoria *cultura popular* é o de sintetizar uma longa luta por reconhecimento e visibilidade sociopolítica empreendida pelas populações que constituem as bandas de congo, processo que envolve os sujeitos religiosos, políticas públicas, as populações urbanas, estigmas e valores que compõem o tecido cultural.

A simples expressão *cultura popular*, pronunciada no contexto de onde foi extraída, consiste no que Geertz chamou de experiência-próxima.

Um conceito de “experiência-próxima” é, mais ou menos, aquele que alguém – um paciente, um sujeito, em nosso caso um informante – usaria naturalmente e sem esforço para definir aquilo que seus semelhantes vêem, sentem, pensam, imaginam etc. e que ele próprio entenderia facilmente, se outros o utilizassem da mesma maneira (Geertz, 1989:87).

⁸⁰ Invenção no sentido dado por Eric Hobsbawm na introdução ao livro “A Invenção das Tradições” (1994), conforme em breve será destacado.

Já o conceito de experiência-distante, também discutido pelo antropólogo americano, consiste no esforço antropológico de dar sentido a esta categoria, que facilmente passaria despercebida, dentro de um contexto cultural mais amplo, traduzindo o sentido local do termo para ser compreendido fora do lugar onde foi pronunciado. Ao suscitar novamente a questão colocada para os sujeitos religiosos sobre a importância e a necessidade de continuidade da festa religiosa, foi possível notar que o valor não reside simplesmente no fato de “*ser*” a festa uma “*cultura popular*”. Mas reside no processo de *ter se tornado* uma *cultura popular* com a inversão do estigma que possuíam as bandas de congo, através das políticas públicas do Estado moderno aliadas aos interesses da população em demanda da construção da identidade “local”.

Às políticas de identidade, conforme destacado pelo primeiro capítulo, é atribuída a responsabilidade de desvincular a relação do congo com a *macumba* e a *cachaça* e “elevam” o movimento das bandas ao status de *cultura popular*, que, neste sentido, é reconhecida e apreciada pelos turistas e pelo *povo da cidade*. Segundo eles, tal inversão propicia, junto às secretarias de turismo e cultura, apoio para dar manutenção às atividades das associações de bandas de congo, como, por exemplo, conseguir transporte para elas se apresentarem em outras festas religiosas, comprar uniformes para os membros das bandas e materiais para confeccionar os instrumentos musicais, etc.

A relação entre as políticas públicas e a construção da identidade local não é uma via de mão única. Por um lado, o Estado faz uso da *cultura popular* para viabilizar uma política de identidade, preocupação desde a fundação do Estado moderno. Por outro, já que as políticas públicas pretendem atender toda sua comarca, o movimento contrário é aquele que faz das políticas um meio de veiculação da identidade local, que consequentemente se expande gerando prestígio e apoio político. É o que Marshall Sahlins chama de indigenização da modernidade. “A modernização, com efeito, não tem sido a única alternativa, sequer na cidade. O efeito inverso, a indigenização da modernidade, é no mínimo tão acentuado quanto o primeiro – na cidade como no campo” (1997: 114).

Peter Burke ao pensar a revolução comercial na Europa destacou o “poder destrutivo” do processo sobre a “*cultura popular* tradicional”, apesar de reconhecer que tenham surgido com ele algumas “belas realizações” (1989:270). O historiador inglês, de alguma forma como alguns antropólogos, não perceberam dinâmica na relação entre as sociedades consideradas tradicionais e o aparato ideológico estatal moderno.

3.1.5 TORNAR-SE TRADIÇÃO

No livro “*A Invenção das Tradições*”, organizado por Eric Hobsbawm e Terence Ranger, a principal preocupação dos autores é desconstruir a idéia de que o simples fato de serem considerados tradição, instituições e práticas sociais sejam entidades por si só concluídas e estáticas, cuja origem remonta um passado distante, muitas vezes imemorial. Para os autores da coletânea as tradições são muito mais dinâmicas que aparentam ser.

Hobsbawm define, na introdução à obra, o que quer dizer com tradições inventadas:

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (Hobsbawm, 1984:09).

Nota-se assim, que as tradições pretendem inculcar valores e normas de comportamentos na sociedade da qual fazem parte. Todavia, boa parte da credibilidade dada às tradições como moralmente aptas para transmitir valores reside no fato de estarem cumprindo sua função desde um tempo antigo, e que a estável organização em que a sociedade se encontra reside na eficiência que possui em transmitir os valores fundamentais para a “boa ordem”. Entretanto, a aparente rigidez e estabilidade das tradições somente ocultam o movimento e as constantes transformações que estão ocorrendo, criando uma impressão de permanência e imutabilidade, dando a qualquer “mudança desejada (ou resistência à inovação) a sansão do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história” (Hobsbawm, 1984:10).

Não é possível saber ao certo quando se originou a Festa de Caboclo Bernardo, somente que sua versão institucionalizada está na 19ª edição. No entanto, as narrativas remontam a origem da festa ao momento que Bernardo chegou da capital do império, após ter sido homenageado por Princesa Isabel. Seu Miúdo, o portador da narrativa hegemônica sobre a história do herói, conta que ao chegar, Bernardo foi recepcionado pela população da vila com uma grande homenagem, tocada pelos tambores de congo. Neste momento aconteceu, segundo Seu Miúdo, o ato fundante da Festa de Caboclo Bernardo. Ao remeter a festa de homenagem ao herói ao passado atribui-se a ela a continuidade histórica necessária para dar credibilidade à tradição.



Festa de Caboclo Bernardo: devoção e sociabilidade (Foto: Hauley Valim, 2005).

Ao invés de destrutivos, como um movimento de descaracterização da *cultura popular*, os processos característicos do Estado moderno pode muito bem incrementar as expressões populares, tornando-as, acima de tudo, “populares” para a população urbana, que passa de estigmatizadora a apreciadora e consumidora da *cultura popular*, como vem acontecendo no Estado do Espírito Santo. Atualmente as novas gerações no Estado, principalmente as

urbanas, têm recorrido ao movimento das bandas de congo para falar a respeito de sua própria identidade.

Conforme a tradição sobre o herói Caboclo Bernardo vai sendo “inventada” determinados símbolos são revestidos de visibilidade pública. Símbolos estes, dramatizados na arte e nas festividades, informam importantes valores para a identidade dos *caboclos* de Regência. Importa agora percebê-los a partir da forma que são operacionalizados pela *Rainha* das bandas de congo e pelo *Guardião* da alma do herói.

3.2 O GUARDIÃO, O BUSTO E O CEMITÉRIO

“A história de Miúdo confunde-se com a de Regência”, afirmou um dos diretores do Projeto Tamar em Regência (Salles, 2005). Na verdade, a história de Elpídio Ângelo de Macedo funde-se à história da vila através das narrativas que remontam o feito heróico de Bernardo, cujo zelar ele faz sua própria “missão”. Dinâmica que parece não ser diferente daquela presente na construção da identidade étnico-religiosa da população da Vila de Regência.

A história de vida de Miúdo foge dos entornos da vila somente para falar de seu nascimento, contado em um breve recorte temporal, como foi breve seu tempo de gestação, sete meses. Em 1930, com sete anos de idade, deixou o município de Colatina, localizado no médio Rio Doce, e de canoa desceu com sua família até a foz onde fizeram de Regência morada⁸¹. Tornou-se “filho da terra” ao se casar com Valdivina Galdina, “filha legítima de índios botocudos”, como ele próprio afirma. A sogra de Miúdo, por sua vez, “foi pega a laço” nas floretas do vale do Rio Doce, por um caçador de índios, fatos que legitimam através das relações de parentesco e de gênero a autoridade narrativa para versar sobre a história da vila. Assim, as raízes deste defensor e entusiasta da *cultura popular* e da memória de Caboclo Bernardo vão sendo tecidas em direção ao passado ao mesmo tempo em que sua presença é sedimentada no espaço cultural e afetivo da foz do rio.

Desde o início desta investigação Seu Miúdo sempre foi um generoso interlocutor. As narrativas são para ele uma dádiva, que apesar do grande valor, são dadas com liberalidade. A

⁸¹ <http://www.regencia.org.br/>, acessado dia 25/07/2007.

contraprestação das narrativas é o reconhecimento da sua importância como “*zelador*” da memória (Mauss, 2001: 363), especialmente se veiculada na mídia impressa, escrita e digital⁸².

A vida de Miúdo está intimamente associada à imagem do herói Caboclo Bernardo, o que não é difícil perceber quando observada documentada, pelos meios de comunicação, a *cultura popular* da vila. Ele aparece constantemente na mídia versando sobre a cultura e a religião dos *caboclos* de Regência. Ao notar a lógica de reprodução das narrativas na vila e sua relação com as pessoas que não moravam ali, percebi que a melhor forma para estabelecer a empatia com os(as) informantes e moradores(as), aspecto fundamental para a realização da pesquisa etnográfica, era percorrendo o mesmo caminho que percorrem visitantes e estudantes interessados em conhecer a vida de Caboclo Bernardo, que deixou impressa na história e na identidade étnica da vila suas feições caboclas.

Uma das primeiras entrevistas que realizei com Seu Miúdo, com intentos etnográficos, foi em demasiado importante para começar a compreender aspectos da lógica constitutiva da construção da identidade dos *caboclos* de Regência. No ano de 2006 cheguei na vila uma semana antes do início da Festa de Caboclo Bernardo. Logo após deixar minhas bagagens na pousada de Dona Mariquinha, com o caderno de campo em mãos fui direto à casa de Miúdo para conversarmos sobre as festividades. Apesar da proximidade não havia nas ruas da vila sinal algum do mais importante evento da região que estava por acontecer.

Encontrei Seu Miúdo, com seus 84 anos de idade, sentado no banquinho estrategicamente colocado na varanda de sua casa, estendida sobre o passeio. Ali são tecidas com amigos e turistas longas conversas sobre os mais variados temas do lugar. Ao ver-me com uma pequena mochila nas costas não hesitou, me pegou pelo braço e passamos a caminhar. Não era a primeira vez que eu percorria com Miúdo o trajeto que ele dispõe fazer com qualquer um que aparente não ser dali e se demonstre, no mínimo, interessado em conhecer sua *cultura*. Caminhamos em direção à boca do rio.

Ao nos aproximarmos da foz, com uma vareta que trazia nas mãos apontou para o mar e passou a descrever o espaço dramático tendo como referência o feito do herói: “*O naufrágio foi ali, perto dos tambores*⁸³ *e o mar estava muito bravo naquele dia*”, disse ele. Por quase

⁸² Em uma cena do vídeo documentário (Salles, 2005) Miúdo demonstra-se muito grato a Caboclo Bernardo, pois por seu “*intermédio*” teria se tornado “*conhecido até na internet*”.

⁸³ Unidade de Processamento de Gás Natural da Lagoa Parda – UPGN, da Petrobrás.

três horas caminhamos, conversamos sobre a vila e sobre Bernardo. No entanto, o que mais me intrigou naquela manhã foi quando Miúdo afirmou ter em casa “a história de Caboclo Bernardo”. Incomodado com o que de fato encontraria topei segui-lo até lá para saber do que se tratava essa “história”.

3.2.1 O CEMITÉRIO

No caminho de volta, Miúdo tirou do bolso um volumoso molho de chaves e procurava uma específica enquanto caminhávamos em silêncio. Logo nos deparamos com um portão bem enferrujado quase escondido por uma grande amendoeira. De forma precisa abriu o cadeado e atravessamos juntos os limiares do portão.



Contrito, com as mãos postas às costas em sinal de respeito, Miúdo caminha em direção ao jazigo do herói, que junto às narrativas, símbolos, à exumação do cadáver, aos autos do julgamento do assassino, configuram-se como as provas materiais do evento histórico (Foto: Hauley Valim, 2005).

Atravessar os limites do portão do cemitério significou passar do ordinário para o extraordinário, o que exigiu de nós uma forma diferenciada de se portar. A feição do meu guia era outra, parecia tornar-se cada vez mais contrito ao passo que nos aproximávamos do cruzeiro no centro do cemitério. Já não parecia aquele que havia contado várias piadas no caminho. A intimidade e o zelo que ele construiu com aquele espaço acabou lhe rendendo o título de *coveiro da vila* e, conseqüentemente, a posse das chaves do cemitério.

Compreendi naquele ritual da soleira que portar as chaves do cemitério significava muito mais que ser um coveiro. Salvo as ocasiões de luto, rituais públicos, o acesso àquele espaço sacralizado pela presença corpórea do herói Caboclo Bernardo era controlado por Miúdo (Van Genep, 1978:25). A visitação a este lugar revestido de sentido, com intentos históricos, religiosos e turísticos passa, necessariamente, pelo intermédio do *Guardião* da alma de Caboclo Bernardo.



Jazigo de Caboclo Bernardo no cemitério da Vila de Regência. Foto realizada durante a produção do vídeo documentário “Assim Caminha Regência”. Sentado sobre o jazigo de Bernardo, Miúdo descreve descontraído as dificuldades encontradas para construí-lo (Foto: Hauley Valim, 2005).

Descreveu como era o cemitério antes de sua intervenção:

“Tinha uma trilha de trator no meio do cemitério. Não tinham respeito com os mortos não. Aí eu pedi o prefeito de Aracruz e rapidinho ele veio aqui e viu o problema, falou com Samuel Batista Cruz [o então prefeito de Linhares], e logo mandaram murar o cemitério. Mas foi porque eu quem pedi” (Seu Miúdo, Vila de Regência: 05/2006).

A primeira cena do vídeo documentário “Assim Caminha Regência” mostra Miúdo entrando no cemitério com uma enxada em mãos e, enquanto capina os carrapichos que crescem em meio aos túmulos, descreve sua relação com o cemitério como fundamental para o despertar da consciência de sua missão:

“Um grande herói abandonado? Não tinha cemitério, não tinha nada. Eu disse “oh minha patroa eu vou tomar conta do cemitério, eu vou zelar deste herói”. Hoje estou zelando dele. Esta é a minha missão” (Salles, 2005).

Junto à construção do busto, que será abordado em breve, uma das primeiras iniciativas do processo que torna visível os símbolos relacionados a Bernardo foi a construção do jazigo, que, neste sentido, constitui-se como um incremento à tradição que vai sendo construída com a contribuição de atores como Seu Miúdo. Todos os jazigos construídos possuem uma similaridade muito grande, inclusive o sepulcro do herói, equalizando simbolicamente, em grau de importância, todos que ali jazem, a não ser pelas visitas guiadas por Miúdo que somente o jazigo do herói recebe.

O valor simbólico do cemitério não reside somente no fato de estarem enterrados(as) ali os(as) antepassados(as) dos(as) moradores(as) da Vila de Regência, mas principalmente por hospedar o corpo de Caboclo Bernardo, que possui papel fundamental para o processo de reconhecimento da vocação de Seu Miúdo e para a visibilização dos símbolos que compõem o recipiente organizacional da identidade étnica (Barth, 2000:33). Segundo as narrativas foi a partir do momento que passou a “zelar” pelo cemitério que despertou em Eupídio a vocação de “zelar” pela memória do herói. Em decorrência disso, na auto-intitulação *Guardião* da alma ou *Guardião* da memória de Caboclo Bernardo, que posteriormente passa ser uma atribuição, está contida a responsabilidade de guardar, isso é, de zelar não só dos símbolos, mas do sentido que estão por traz deles, através da continuidade da narrativa e da visibilização dos símbolos.

3.2.2 A TRADIÇÃO ESCRITA COMO INCREMENTO À TRADIÇÃO ORAL

Ao chegarmos sentei no banquinho na varanda da sua casa enquanto Miúdo entrou para pegar a “*história*” de Bernardo. Rapidamente sai Miúdo de casa com um livro amarelado desfolhando-se em mãos. Havia aproximadamente a terça parte da primeira edição do livro de Nobertino Bahiense “O Caboclo Bernardo E O Naufrágio Do Imperial Marinheiro” (1948).

Bahiense em sua obra trata o mestiço Bernardo como um paradigma do que deveria ser o brasileiro, principalmente como um modelo para os capixabas. Nobertino recebeu felicitações do então Ministro da Marinha, de generais, comandantes, além de importantes juristas, escritores e historiadores, que destacavam a importância da obra, pois tornava conhecido o feito heróico do Caboclo Bernardo, ato que serviria para “incutir, no espírito dos jovens, sentimentos de brasilidade e grandeza de alma” (1971: 13). A obra inaugurou um segundo momento de referências solenes, por parte dos letrados da época, que também contribuiriam para a atual configuração do fenômeno. A importância desta obra reside não só em seu valor histórico, mas por ter subsidiado como fonte primária duas outras obras: “Caboclo Bernardo na História do Espírito Santo: a superação de um mito”, da historiadora Hiléia de Castro (1998) e “Caboclo Bernardo: História e Cultura na Barra do Rio Doce”, da professora Regina Rabello (Reis, 2003).

Porém, não só à história escrita serviu a obra de Bahiense (1971), mas ela é a principal obra de referência para Miúdo. Considera o livro como “*a verdadeira história de Bernardo*”, cujo valor é não permitir que o herói venha “*cair no esquecimento*”⁸⁴. Na ocasião de nosso encontro o exemplar de Miúdo começava pelo 2º capítulo, o concernente ao naufrágio. Sentados, Miúdo se ocupou em ler uma parte do texto, sobre o cabo de vai-e-vem⁸⁵. Curiosamente notei duas formas que usou para conduzir-me à narrativa. Em determinados trechos seu dedo indicador delineava de forma cadenciada as frases conforme eram lidas, intercaladas por pausas quando olhava para mim e interpretava o texto; porém em outros trechos, percebi que destoava a velocidade da pronúncia com a posição do indicador, o que foi

⁸⁴ “Cair no esquecimento” é o que Miúdo não quer para Bernardo e para si mesmo e se depender das reportagens jornalísticas emolduradas que ele coleciona nas paredes de sua casa isso não acontecerá.

⁸⁵ O cabo de vai-e-vem foi a forma que Bernardo encontrou, segundo as narrativas e ao livro citado, para deslocar os marinheiros em uma pequena chalana segurando no cabo traçado entre o navio e a praia.

bastante para notar que ele não estava lendo, mas recitando frases de cor intercaladas por trechos da tradição oral que não estavam presentes na narrativa escrita.



A narrativa escrita incrementa a tradição oral. A confluência entre as formas narrativas serve como insumo para a construção da *história*, conforme Miúdo. Na foto, com o livro de Nobertino Bahiense (1948), “O Caboclo Bernardo E O Naufrágio Do Imperial Marinheiro”, feito um carteadado em mãos o *Guardião* conta a “*história*” do herói (Foto: Hauley Valim, 2006).

Não se opera principalmente em grau de valor a clássica tensão entre a tradição escrita e a tradição oral na forma do *Guardião* operar as narrativas. Ambas as tradições se complementam e se incrementam na relação, semelhante a dinâmica encontrada na literatura de cordel, que se “coloca na interface da oralidade e escrita, permitindo uma relação simbiótica entre as duas modalidades, contribuindo, desta maneira, à preservação e ao enriquecimento, tanto da tradição oral quanto da literatura escrita” (Gadzekpo, 2004:179). Em dado momento, observando o livro, disse que ele, o livro, “*já perdeu muita folha, mas o que tem aqui dá pra fazer muita história*”.

Quando eu me preparava para partir, ouvimos o barulho dos barcos arribando no porto. Miúdo me convidou para vermos o resultado da despesca. Enquanto caminhávamos eu apontava

algumas questões no caderno de campo, o que eu havia feito também enquanto conversávamos em sua varanda. Em certo momento Miúdo me olhou de lado e disse: “a história é muito grande. Se não tem na minha – batendo no livro em mãos – tem na sua” – apontando para minha caderneta de campo.



Para José de Sabino, o principal pescador da vila, depois de Caboclo Bernardo vem seu Miúdo como principal representante da cultura local. “Seu Miúdo é uma espécie de Caboclo Bernardo”, afirma ele (Salles, 2005). Na cena, Miúdo é observado por um “apreciador da cultura popular”, enquanto traz no peito a faixa de *Guardião* da alma de Caboclo Bernardo, presenteado por uma turista. Traz também em mãos, feito uma bandeira, o livro da professora Regina Rabello. No entanto, assim como o livro de Bahiense está para garantir a memória de Bernardo, está o livro de Regina para garantir sua memória, como o representante oficial do herói do naufrágio, acredita Miúdo (Foto: Hauley Valim, 2007).

A afirmação de Miúdo lançou luz sob a noção de história da Vila de Regência, que segundo ele seria um processo constituído com a participação de vários atores. Comecei a compreender o que levava as pessoas da vila a colecionarem recortes de jornais e revistas que tinham como tema a cultura na vila, especialmente se, porventura, tivessem participado das matérias como entrevistados. Neste sentido, o resultado da minha pesquisa, as reportagens da mídia impressa e televisiva também seriam elementos constituintes do processo da constituição da história de Regência, assim como a tradição oral à qual Miúdo se dedicava.

Esta dinâmica é semelhante ao processo onde a vila foi ganhando visibilidade no cenário da Província do Espírito Santo no contexto do salvamento dos naufrágios, tal como Nobertino Bahiense documentou em seu livro.



Um ano após ter saído de casa com a terça parte do livro de Bahiense em mãos, o *Guardião*, na 19ª versão as Festa de Caboclo Bernardo, apresenta somente uma página dele. Porém, a imagem demonstra uma renovação da história, se não uma sobreposição delas, onde a versão que garante a preservação da memória do herói, o livro de Nobertino Bahiense (presente através da página amarelada), torna-se uma com aquela que a ele próprio representa, o livro da professora Regina Rabello. Não só Miúdo, mas Dona Mariquinha compõe o quadro de heróis na vila, cujos feitos são de tornar visível a história do paradigma da identidade da vila, Caboclo Bernardo; ele através da continuidade narrativa e ela com a preparação ritual (Foto: Hauley Valim, 2007).

Dois elementos, sob gerência simbólica do *Guardião*, possuem lugar quando pensada a construção da identidade neste contexto: o “CD Miúdo em Regência” e o vídeo documentário, do diretor Ricardo Salles Sá, “Assim Caminha Regência”.

O CD “Miúdo em Regência”⁸⁶, patrocinado pela Secretaria Estadual de Cultura, conta a história da vila e especialmente duas músicas de sua autoria, “A Missão”, que remonta a vocação do autor, e o “Hino de Caboclo Bernardo”, a constituição cívica do herói⁸⁷, denunciam o grau de proximidade que o *Guardião* possui com o herói, além da instrumentalização dos símbolos que estão sob sua “gerência”.

A missão

Vim morar em Regência prá cumprir uma missão
E de zelar este herói do nosso Espírito Santo
Quem quiser me ver eu estou aqui
E estou zelando deste herói até o fim da minha vida

Hino de Caboclo Bernardo

Se nós fossemos heróis como o Caboclo Bernardo
Que salvou muitas vidas nas ondas do mar sagrado
A sua fama de herói percorreu o Brasil
Ele nasceu em Regência e sua história daqui saiu
A Grande Autoridade que um dia se lembrou de nós
Agradecendo as homenagens por justa honra e direito
Com o calor de seus espíritos também oraram por nós
Destacando este caboclo com amor entre os heróis
No dia sete de setembro de 1887 numa grande tempestade
De vento sul de leste a oeste o cruzador se encalhou
na praia do Espírito Santo
quem salvou os marinheiros
foi Bernardo José dos Santos⁸⁸

⁸⁶ O CD é composto por músicas de autoria de Seu Miúdo, além de adaptações e pontos de umbanda por ele tocados.

⁸⁷ Inclusive, o hino aparece sendo tocado pela Orquestra da Marinha do Brasil no encerramento do vídeo documentário (Salles, 2005).

⁸⁸ O “Hino de Caboclo Bernardo”, composto e gravado por Seu Miúdo, é cantado sempre que o *Guardião* conta a história do herói em escolas ou em outras apresentações públicas. O hino foi tocado pela Banda Marcial da Marinha do Brasil no fechamento do vídeo documentário “Assim Caminha Regência” (Salles, 2005). O herói inspirou outras canções, como a da banda capixaba Triagem nominada “Anjo Bernardo Lyrics”: ‘Caboclo Bernardo, brasileiro alado, Um anjo que se tornou, Eu ouvi sua história e pensei que era mesmo, História de pescador. Mas perante tua estátua eu constatee, O guerreiro que você foi., Tiro meu chapéu e espero que esteja bem, Aí no céu. Ê, cento e vinte oito vidas, Será que não dá pra se relevar, Uma atitude bonita que dá até vontade de chorar. Caboclo Bernardo era um homem comum, Não era doutor mas, em 1887, ele provou, Com uma atitude de louvor, Que fez dele um exemplo de humanidade e amor, Em Regência, Espírito Santo, O Cruzador Imperial Marinheiro naufragou, Mas antes de tudo acabar, O Caboclo Bernardo se jogou no mar, Adivinhe, pra tentar salvar tanta vida, Que meus dedos não podem contar” (<http://www.bandatriagem.com.br/> acessado dia 23/09/2007).

Portar a chave do cemitério, limpar o busto do herói, dar palestras e apresentar o hino de Bernardo nas escolas são as atividades ritualmente prescritas na vivência do *Guardião*, um exercício de manutenção da tradição oral que significa cuidar daquele que “nasceu em Regência” e fez com que as “grandes autoridades” se lembrassem dela. Atualmente a lembrança por parte da iniciativa política materializa-se na construção do muro, no patrocínio para o CD, no busto em bronze do herói enviado pela Marinha, no ponto facultativo dado pela Prefeitura Municipal no dia do aniversário da morte do herói, nos patrocínios para as festas, entre outras formas de visibilização pública do herói, o que veicula, conseqüentemente, a identidade étnico-religiosa do grupo.

3.2.3 DOC-TV “ASSIM CAMINHA REGÊNCIA”

Um trecho do vídeo documentário “Assim Caminha Regência” contribui para a íntima associação entre o *Guardião* e o herói. O filme conta a história de Caboclo Bernardo e do cotidiano da Vila de Regência equiparando diferentes níveis narrativos reconstruídos através da descrição audiovisual.

Seu Miúdo é o personagem chave do documentário e a noção de *Guardião* perpassa todo filme. O diretor do documentário privilegia a versão de Miúdo fazendo dela a linha mestra na história aonde as outras versões narrativas vão sendo tecidas. A urdidura do filme vai reunindo as versões historiografadas às orais em um mesmo plano de descrição, sem, entretanto, ocultar suas tensões. Depoimentos de populares, intelectuais, professores(as), moradores(as) de Regência vão se unindo à festa e ao teatro local compondo a trajetória do herói do naufrágio da corte à morte, do resgate da memória à atualidade.

Um aspecto importante da experiência etnográfica foi trabalhar no still de fotografia e na pesquisa complementar do documentário, inclusive acompanhar de perto a produção de um importante meio de consagração do herói, destacando o fato de que o documentário não retrata a realidade, mas constrói uma versão dela, que passa ser propagada em escala local e nacional. Uma pequena novela extraída do terceiro capítulo do filme (21’50”) caracteriza muito bem a vocação do Doc-tv. Durante a produção o diretor sugestiona com perguntas uma possível epifania onírica de Bernardo para seu Miúdo, que nega consecutivamente este tipo de

relação. Entretanto, no mesmo capítulo (25'50"), trecho produzido dois meses depois, Miúdo afirma sobre Bernardo: "*não... eu aprendi, ele me ensina em sonhos, ele faz um piseiro [ato de pisar muito] comigo, depois ele fica rindo... no sonho né...*". Este é um forte indício de que teria Miúdo "aprendido" no período de produção do documentário a estabelecer este tipo de contato, que ele chama de "corrente espiritual". Neste sentido, no plano local a produção do documentário contribui para que a realidade seja recriada e permite que ela seja apreendida por meios não usuais em outro tempo, neste caso, o audiovisual.

Na concepção de história de Seu Miúdo, o que faz dele ao mesmo tempo um historiador e um protagonista da história, o fato de ser a história muito grande, "*fazer história*" é o ato criativo de todos os sujeitos que compartilham deste sistema simbólico, especialmente ele, considerando sua função de *Guardião*. Neste sentido, é um grande valor na vila contribuir para garantir que o imaginário constituído em torno do naufrágio, que nada tem de quimera, seja materializado e deixe o âmbito local nos noticiários, nos documentários, nas fotografias, na Internet, etc. Fato que contribui para que a vila seja conhecida no panorama cultural e religioso do Estado do Espírito Santo e para que a Festa de Caboclo Bernardo se constitua como o mais importante evento da região, esperado com anseio pelos religiosos, comerciantes, donos de pousadas, artesãos, festeiros, etc.

Isso não quer dizer que os *caboclos* de Regência somente desejam ser percebidos pelos veículos de comunicação para com isso "gerar benefícios" para a comunidade, mas neste contexto percebem que a *cultura popular*, como um patrimônio local e coletivo, vem viabilizando representações que se tornam da mesma forma valores, porém fora dos limites da vila. Como, por exemplo, a apropriação do congo como aspecto da identidade capixaba. Quando veiculadas imagens dos representantes instituídos da vila, não só eles, mas toda a comunidade se reconhece nelas. A consagração deste modelo através das políticas de identidade gera espaços de notoriedade onde a própria identidade local é reconhecida como aspecto da identidade capixaba, expandindo assim a imagem do herói, da vila e de nossos atores no cenário público.

Dedicar-me-ei agora a uma personagem que, junto com Seu Miúdo, possui um lugar privilegiado no complexo narrativo e ritual associado ao herói Caboclo Bernardo, assim como

a outros aspectos simbólicos e sociais constitutivos do sistema cultural da vila e como são gerenciados por ela.

2.3 A RAINHA, A CAPELA E A FESTA

Os ritos são uma expressão ordenada (O Li Chi diz embelezada) dos sentimentos adequados a uma situação social. Podemos dizer que partilhar na execução dos ritos serve para cultivar no indivíduo sentimentos de cuja existência a própria ordem social depende.

(Radcliffe-Brown, 1973:182)

De modo geral as teorias sócio-antropológicas têm considerado o conflito como parte constituinte da sociedade, mas dentre elas têm se distinguido aqueles enfoques que viam no conflito um potencial desagregador ou negativo, daqueles que o consideravam positivo e necessário para redefinir as relações, mantendo desta forma a sociedade coesa (Simmel, 1983:126)⁸⁹.

Levando em conta as contribuições de Georg Simmel a respeito da natureza sociológica do conflito, parti para uma visita ao campo de pesquisa pressupondo a existência de conflitos entre os dois principais atores abordados por este capítulo: Dona Mariquinha e Seu Miúdo, já que ambos se ocupam da vigência e da visibilização pública da imagem heróica do Caboclo Bernardo, como representantes instituídos. Apressado, imaginei que os atores concorriam de forma conflituosa pela propriedade da imagem do Caboclo Bernardo e os benefícios de sua detenção.

⁸⁹ Segundo Georg Simmel para que a sociedade atinja uma certa configuração, necessita-se de quantidades equilibradas de harmonia e desarmonia, associação e competição, tendências favoráveis e desfavoráveis, pois são formas de interação fundamentais para renovar e adaptar os pactos sociais que conseqüentemente fortalecerão os laços dos grupos ou indivíduos. Os conflitos “não só preservam os limites, no interior do grupo, do desaparecimento gradual, como muitas vezes conscientemente cultivados para garantir condições de sobrevivência” (1983:126).

Como primeira forma de abordagem, utilizei o vídeo documentário “Assim Caminha Regência”, que conta a história de Bernardo e da Vila de Regência privilegiando a biografia de Seu Miúdo, ocupado em preservar a memória do herói local.

Marquei com Mariquinha para assistirmos juntos ao documentário em sua pousada, onde acontece anualmente a Festa de Caboclo Bernardo. Foi um evento. Reuniu *netos*⁹⁰, esposo, funcionários e vizinhos na parte central da pousada, espalhados em sofás e pelo chão. Sentei ao lado de Mariquinha e munido de gravador e caderneta de campo esperava comprovar minhas suposições de conflito. Sua reação, ao contrário da que eu esperava, ao invés de crítica e contrária à grande ênfase dada ao *Guardião*, Mariquinha contemplou os 55’ do documentário, que contém uma pequena narrativa sua, solícita aquela perspectiva, confirmando a importância dele no processo de preservação da memória do herói.

Constatei, no entanto, que a dimensão do conflito, sem negar sua existência, tampouco possuía a proporção que eu imaginava. Dona Mariquinha ao ver o documentário reconheceu Seu Miúdo como o *Guardião* da alma de Caboclo Bernardo, da mesma que seu Miúdo, ao ser entrevistado pela “Tv Linhares” durante a versão 2007 da festa, condicionou a continuidade do evento à vida de Dona Marquinha.

Isso me fez pensar na disposição que ambos ocupam no universo narrativo e ritual construído em volta do herói Caboclo Bernardo, e se, por ventura, ao invés de serem concorridas entre eles, estariam sedimentadas institucionalmente e legitimadas pela população da vila. Anteriormente foi analisado o lugar de Miúdo no sistema cultural, agora será analisado o de Mariquinha, pretendendo compreender quais são os aspectos simbólicos relacionados a ela que a fazem representante legítima da *cultura popular*, revestida de “um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança” (Bourdieu, 2005:188).

2.3.1 RITUAIS DE RECEPÇÃO

⁹⁰ *Netos* são os filhos adotivos de Dona Mariquinha. Somam-se na vila mais de vinte criados por ela. “Se eles não quiserem criar, me dá que eu crio”, afirma Mariquinha a respeito dos pais e mães da vila.

No início da década de 80 ao assumir a organização da Festa de Caboclo Bernardo Mariquinha estendeu às bandas da região um evento que era circunscrito aos(as) moradores(as) da vila, desde então a festividade foi tomando maiores proporções e foi sendo revestida de importância. A primeira banda de congo convidada foi a São Benedito do Rosário, da Vila do Riacho, município de Aracruz. Dona Astrogilda, líder e *Rainha* da banda, tornou-se então o principal baluarte do herói fora da vila.

Boa parte da festa acontece dentro da Pousada Sitio da Tia Mariquinha, de sua propriedade, que ao longo do tempo, mantendo o estilo rústico, ampliou significativamente o espaço pra atender o fluxo turístico-religioso que para lá se desloca na ocasião da festa.

Escolhi hospedar-me na pousada de Mariquinha naquele ano para acompanhar de perto a preparação dos rituais. Acordei no dia quatro de junho de 2006 antes mesmo da alvorada com fogos de artifício que instauram o início do tempo festivo para a 17 ° versão da Festa de Caboclo Bernardo. Dona Mariquinha passara toda madrugada dedicando-se aos últimos preparativos para a chegada das bandas de congo.



O ano de 2005 Dona Mariquinha não estava vestida solenemente de *Rainha* das Bandas de Congo. Na imagem acima, atrás da princesa que leva a bandeira, Mariquinha vem acompanhando de colete as crianças da Banda de Congo Mirim Caboclo Bernardo abrindo o espaço ritual para a Banda de Congo